

REVISTA

CATHARINENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL DESTINADA À DEFEZA DOS INTERESSES
DO
ESTADO DE SANTA CATHARINA

REDACÇÃO

Director — dr. Theophilo Nolasco d'Almeida
Secretario — Nestor Passos

COLLABORADORES :

Conselheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcellino Bayma, 1.º Tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior, 1.º tenente dr. Liberato Bittencourt, dr. Luiz Delfino dos Santos, dr. M. C. do Rego Barros, dr. Celso Bayma, Luiz Nunes Pires, C. Marques Leite, Rodolpho Goudel.

✻ Junho de 1900 ✻

CAPITAL FEDERAL

RUA DA CARIOCA 34—1.º andar

TYPOGRAPHIA L. MIOTTO

13 BECCO DO FISCO 13

RIO DE JANEIRO

EXPEDIENTE

A REVISTA CATHARINENSE apparecerá uma vez por mez

As opiniões emittidas pelos colaboradores correm sob sua responsabilidade exclusiva.

Serão recebidas todas as communicações de interesse publico, dependendo a publicação do juizo da redacção.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Secretaria do CENTRO CATHARINENSE, rua da Carioca 34—1º andar.

ASSIGNATURAS

Anno 8\$000
Semestre 5\$000 Trimestre 3\$000
Numero avulso 1\$500

ANNUNCIOS

Uma pagina, 10\$000—Meia pagina, 6\$000—1/4 de pagina, 4\$000

Quando o annuncio tenha de ser publicado mais de uma vez, gozará de abatimento.

PAGAMENTO ADIANTADO

“Centro Catharinense”

(Sede: Rua da Carioca 34, 1º Andar)

PRESIDENTE

José Ramos da Silva Junior.

1.º VICE-PRESIDENTE

João Corcoroca.

2.º VICE-PRESIDENTE

João Leopoldino Teixeira Bastos

1.º SECRETARIO

Nestor Passos.

2.º SECRETARIO

Joel Augusto da Silva.

1.º ORADOR

dr. Celso Bayma.

2.º ORADOR

Luiz Nunes Pires.

THESOUREIRO

Rodolpho Goudel.

BIBLIOTHECARIO

Emilio da Silva Simas.

COMISSÃO FISCAL

Octavio Melchiades, Manoel Ignacio Bricio Guillon e Jacob Bergmann.

CAIXA BENEFICENTE

Manoel Luiz da Costa, Annibal Nunes Pires, Manoel Paulino de Aguiar e Tarquinio de Medeiros.

Commissões Permanentes

FLORIANOPOLIS

Durval Varella Alves, Francisco de Assis Costa, João Pedro de Oliveira Carvalho, Leonidas Branco, Adalberto Gil Ribas, João Grumiché, Amphiloquio Marques da Silva, Alfredo Juvenal da Silva e José Antonio de Souza Junior.

TUBARÃO

Antonio Bibiano de Assumpção, José Martins Cabral, Gustavo Gonzaga e Francisco Gonçalves da Silva Barreiros.

NÓS

Com o presente numero completa a *Revista*, bafejada pela sympathia dos nossos patricios, meio anno de existencia, tendo sempre procurado affirmar as promessas do seu programma. Que o conseguiu, podemos, sem immodestia, declarar a todos, pois quando tivessemos necessidade de testemunho bastaria recordarmos a anciedade com que se nos inquire sobre a menor demora no seu apparecimento.

E' tempo já de atirarmos á cesta das inutilidades os máos prenuncios, com que um pequeno numero de catharinenses—a maioria dos quaes por pouco confiarem na viabilidade de publicações desta natureza—auguram-nos menos de seis mezes de vida.

Tudo de quanto se nos pôde accusar é de não termos conseguido melhorar materialmente a *Revista*. Com quanto seja em parte verdadeira a allegação, temos a retrucar que com as presentes conseguimos publicar em um semestre 104 paginas de materia toda de interesse do nosso Estado. Acreditamos já ter feito alguma cousa, e — consintam-nos a franqueza—preferimos andar pouco, mas com segurança, sem perigos de retroceder, a fazer saltos temerarios. Sempre é melhor que pisemos em terreno firme, e si não nos falhar, como até hoje ainda não se deu, o auxilio unico de que carecemos, a *Revista* viverá vida longa, pois para tanto ha quem se comprometta, e gente que sabe honrar as suas promessas.

Com estas duas palavras, ficam os agradecimentos de que se fizeram dignos todos os que tem procurado amparar-nos.

Da carta a que allude em outro local um dos nossos collaboradores, tractando da organização da EXPOSIÇÃO CATHARINENSE, destacamos os trechos abaixo que fallam direito ao nosso coração barriga-verde.

« Já tenho em meu poder quatro numeros da *Revista Catharinense* e o livro de Virgilio Varzea sobre a nossa Ilha.

« São dous triumphos obtidos pela collectividade catharinense que ahi vivia tão desagregada e a que a tua boa orientação, alliada a de outros nossos patricios, deu a cohesão necessaria.

« Vejo com prazer que o *Centro* tomou novos alentos e que o nome catharinense já apparece nessa grande capital vehiculado por uma aggrimação patricia e fulgindo nas paginas de uma revista, cuja utilidade ocioso é evidenciar.

« Por todas essas razões é que aplaudo a nova orientação do *Centro* e da qual surgiram a *Revista* e um livro.

« Parece-me que seria isso (a exposição) facilmente realisavel. Pensa a respeito, assentando no melhor meio de lançar o tentamen....

« Vejam o que nesse sentido se poderá fazer. »

E' de toda a conveniencia que os srs. assignantes em atrazo satisfaçam a importancia das suas assignaturas, para que não sejamos obrigados a interromper a remessa da *Revista*.

Os nossos representantes se acham competentemente autorisados a liquidar taes assumptos. A elles ou á administração da *Revista* — rua da Carioca 34, 1º andar—devem os srs. assignantes em atrazo dirigir-se.

Menia de um louco

D'onde vem essa barca aribordada,
Como entro flores peregrino albar,
Por briçosos cavallos arrancada?
Espumam, como quando corre o mar,
Quem vem nella? a que terras é levada?
Em que oceano profundo a vão lançar?
Sobre que areias brancas e macias
Vai ver rolar o oiro dos seus dias?
Mas... porque tantas faces vão sombrias?
Que tormenta ellas vêm no céu paírar?

Cobriram-na de bellas coróas: creio,
Que isto só podem ter os immortaes,
E' pois uma heroína em seu passeio,
Que dentro dessa barca azul levais?
Não são seus loiros em batalhas ganhos,
Não são seus feitos tantos e tamanhos,
Que estão pedindo estemmas triumphaes?
Qual vai ser seu destino? e d'onde veio?
Mas... vós levais intumescido o seio?
Deveis rir, indo á festa, e vós chorais?..

Isto apenas o louco murmurava:
Depois, como acordando de um lethargo,
Ria-se; e era o seu riso tão amargo,
Que era melhor chorar; e não chorava.

O sol, que cai por mar a dentro, volta:
Hão de velo amanhã pelo horizonte:
E ella não surgirá sobre algum monte,
Levou-a de uma vez, quem a levou.
E ha, quem suspenda a perola marinha,
Quem ache um mundo em incognito oceano,
Basta-lhe um tronco, e em cima d'elle um pano,
E ha, quem encontre a estrella, que buscou!

Cantava, como o azul profundo canta,
Cantava, quando a primavera ria,
Como canta a cigarra á luz do dia,
E inda ao luar em noites de verão:
Essa mulhêr era a canção eterna;
Cantava, como canta toda aurora:
Não sei, se alguém, que a viu, e a amou, a chora:
Eu chorar? Para que? chorava em vão.
Tivera-a, um dia, acuso entre os meus braços,
Como pomba a tremêr presa a dois laços,
Aí! de prazer eu choraria então..

Parecendo perder a razão toda,
Dizia o louco: eu vim tambem á bóda.

E logo viu abrir as ferreas grades
De um jardim grande, e muito póvo entrar:
Lá dentro, anjos de pé, rosaes em bando
Sobre estatuas de marmore trepando,
E rotundas, e a cruz de quando em quando..

E a toda gente andava a perguntar,
Se lá na extrema se estendia o mar?..

Moviam-se os cyprestes, meneando
Lugubrememente as frondes devagar,
Dois passaros cantando em desafio
Na ramaria agora, agora no ar,
Metíam mais um lento calafrio
Na tristeza indizível do logar.

E o louco: — sinto o odôr d'algas da praia;
E vem do fundo deste campo um ruido,
Como o de um mar por brisas revolvido,
Antes que o Sul mais forte á noite caia:
Agora a vaga raiva, e se ergue, e apruma,
Trepando emvão a bronca penedia,
E n'uma rapidíssima agonia,
Ha-de cahir em turbilhões de espuma.

E então tornava o louco a perguntar,
Se lá na extrema se estendia o mar?..

A praia é branca? Ha conchas d'oiro n'ella?
O alvo tapete de mimosa areia
Jamais polluiu de mortos a procella?
Olhem: quando «ella» sobre o chão passeia,
O chão canta, o chão ri, o chão gorgeia,
O chão... parece, que «ella» o diviniza,
Scintilla, como um céu, o chão, que pisa,
Em cada grão de pedra um sol atea!..

Quando voltava o póvo, a dôr no rosto,
Limpando o pó dos pés, e o suor da fronte,
O dia se afundava no horizonte,
Erguia-se o luar do lado opposto:

O louco era mais pallido sómente,
Como fôlha por cima da corrente
Tremulo, e frio, e desvairado o olhar,
Sentado á pedra do degráu da porta,
Dizendo a todos: Estaria morta?
Por que a deixam na barca, e só no mar?

LUIZ DELFINO.

Commandantes e governadores de Santa Catharina

1735—1824

COMMANDANTES

- 1° Sebastião Rodrigues Bragança
- 2° Francisco Dias de Mello (1735)
- 3° Capitão d'Infantaria Antonio de Oliveira Bastos (1737)

GOVERNADORES

- 1° Francisco de Brito Peixoto.
- 2° Brigadeiro José da Silva Paes (1739—1749)
Capitão Patricio Manoel de Figueiredo (1743—1744)
Mestre de Campo Pedro de Arabyba Ribeiro (1744)
Brigadeiro José da Silva Paes (1749)
- 3° Coronel Manoel Escudeiro Ferreira de Souza. (1749—1753)
- 4° D. José de Mello Manoel (1753—1762)
- 5° Coronel Francisco Antonio Cardoso de Menezes (1762—1765)
- 6° Tenente de cavallaria (fidalgo) Francisco de Souza Menezes (1765—1767)
- 7° Coronel Pedro Antonio da Gama Freitas (1775—1777)
- 8° Coronel Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara (1778—1779)
- 9° Brigadeiro Francisco de Barros de Moraes Araujo Teixeira Homem (1779—1786)
- 10° Sargento-mór de artilharia José Pereira Pinto (1786—1791)
- 11° Coronel Manoel Soares Coimbra, brasileiro (1791—1793)
- 12° Tenente-Coronel João Alberto de Miranda (1793—1800.)
- 12° Triumvirato composto do Tenente-Coronel José da Gama Lobo Coelho d'Eça, do Ouvidor Aleixo Maria Caetano e de José Pereira da Cunha.
- 14° Coronel Joaquim Xavier Curado (1800—1805)
- 15° Capitão D. Luiz Mauricio da Silveira (1805—1817.)
- 16° Coronel de Cavallaria João Tovar de Albuquerque (1817—1821)
- 17° Tenente Coronel Thomaz Joaquim Pereira Valente (1821—1822)
- 18° Junta do governo provisório: Capitão-mór Jacintho Jorge dos Anjos, presidente.
Major do estado-maior José da Silva Mafra, secretario.
Capitão João de Bitancourt Cidade.
Padre Joaquim de Sant'Anna Campos.
Major Francieco Luiz do Livramento.

A 16 de Fevereiro de 1824 assumiu o governo o primeiro providente nomeado em virtude da Lei de 20 de Outubro de 1823.

N. C.

Contra os nossos habitos sae o presente numero com alguns dias de atrazo. Motivos insuperaveis concorreram para isso: grandes affazeres e, sobretudo, ligeira enfermidade sobrevinda a um dos redactores, especialmente encarregado da parte material. Nada perderão os srs. assignantes a quem procuraremos compensar, regularizando desde o corrente mez o nosso apparecimento.

Minha alcova

(SANTA CATHARINA)

1886 a 1890

A casinha já de si era alegre.

Quem a visse, situada bem a meio do terreno, alterosa, com suas tres janellas largas, espaçosas, terminando por vergas curvilineas, toda caiada de amarello de ocre-a frente—, e de branco os pilares dos cantos, simulando columnas, com seus capiteis, a cimalha e as guarnições das janellas, feitas de cal, em relevo; com seus bonitos gradis aos lados e depois os dois portões, seguidos ainda de grades de varões de ferro, de metro e meio de altura, acabando por lanças, cobertas de cheirosas madresilvas, tudo symetricamente disposto; quem a visse assim risonha pelo gracioso da fórma e pelo contraste das côres, aqui—suave—do amarello de ocre desmaiado para o branco, alli—mais forte—do mesmo amarello para o encarnado de vermelhão dos gradis, dos portões e das grades—ficaria encantado pela habitação e desejoso de n'ella morar.

Transpóstos os portões, que serviam ás entradas, vinham logo á direita ou á esquerda, conforme ella se dava, escadinhas de quatro degraos, cimentados, conduzindo a dois pequenos terraços, emoldurados em gradis de ferro, com corrimões de madeira, e dando para as portas da sala de visitas, em numero de uma de cada lado.

A' entrada da direita, a que servia habitualmente, defrontando com o portão e em toda a largura d'este, grande carramanchão sustentado por columnas de ferro, e em cujo cimo bracejava n'um luxo extraordinario

de vegetação uma soberba roseira amarella, a Petropolis, mil vezes entrelaçando os seus ramos ás hastes delicadas de um jasmineiro do Chile, cujo perfume não pôde ser mais delicado.

De um lado e outro da casa, sempre de frente dos portões e em toda a largura d'estes, formando ruas, parreiras extensas, armados sobre grades, sustentadas por supportes de ferro, a acompanhavam paralelos em todo o comprimento, e no da direita, ao fundo, cortavam-se ainda em cruz, sombreando o caminho que ia da porta da cosinha ao tanque de lavar.

O restante do terreno deste lado, entre o parreiral e a cerca, era occupado pelo jardim e por um pequeno pomar; o da esquerda pela horta: os fundos em toda a largura por um cerrado cafezal.

Em redor, das frestas das pedras que calçavam o edificio, emergiam boninas como nunca as vi mais lindas, já pelo tamanho e variedade das côres, já pelo aroma que desprendiam de si: em baixo do carramanchão dois bancos de ferro com assentos de madeira, onde nas frescas tardes e noites de verão se fazia excellente proza: guarnecendo as duas margens das ruas formadas pelas parreiras, touceiras de agapanthos com suas lindas flôres azues davam ao conjuncto aspecto dos mais interessantes.

O meu jardim o que não tinha?

O espaço de tempo de que dispunha pela manhã, entre o levantar e o almoço, era consagrado ao cultivo das flôres, aproveitando a sombra, que até então se projectava sobre esse lado; mas antes d'isso que de encantos, que de gozos não tinha eu!

Si ha duas cousas, que sejam incompatíveis na vida, são estas: gostar de flôres e dormir muito.

O cultivador de flôres toma lhes amor e apaixonou-se por ellas; desperta com o dia para ver nascerem as plantas, crescerem, desenvolverem-se, abotoarem e desabrocharem, e muitas vezes mesmo espera que o dia amanheça para entregar-se á doce contemplação do que constitue os seus encantos.

Elle corre-as, uma a uma, examina-as, corta aqui uma folha secca, mata alli uma lagarta, sacrifica acolá um caracol que se transviou da horta e, si porventura não menos conveniente colheu de vespera uma flôr, elle reconhece logo a falta no meio d'aquella alluvião de flôres!

A sala de um alvo irreprehensivel, media toda a extensão da frente e ao fundo apresentava duas portas, uma dando para o corredor, a outra inutilisada, para a alcova,— inutilisada porque justamente ahí, encostada a ella, ficava na alcova a caminha de balaustres da filha menor.

Defronte d'essa cama a nossa, a do casal, separadas as duas apenas pelo espaço da janella, que dava para o jardim, e a que correspondia uma outra no corredor, entre ambas a porta dando para a alcova, que tinha ainda communicação com o quarto contiguo; fronteira aos pés da cama do casal e encostada á parede, que formava o corredor, uma commoda encimada pelo oratorio, e eis tudo, e nada mais tambem cabia: muito ar e muita luz.

Voltada para o nascente, banhava-a o sol pela manhã: depois quando elle transpunha o Zenith, e veloz precipitava-se a caminho do poente, ahí vinham as brisas refrescal-a, embalsamando-a com o perfume das flôres; o que ia até a hora do recolher.

As boninas, que cresciam do lado

de fóra, e que tomavam um desenvolvimento extraordinario, com os galhos floridos do jasmineiro e as vergontes da roseira parecia quererem se enfiar pela janella a dentro, e por mais de uma vez colibris, enganados, alli foram ter, suppondo naturalmente que não haviam deixado o espaço livre, em que voavam.

Um casal de tico-ticos, aproveitando-se, com um gosto de artistas, do cerrado que lá ia pela cupola do carramanchão, estabelecera ahí a sua morada e assim que a primavera entrava éra entre as rosas e os jasmims que construía seu ninho.

Pela manhã muito cedo, quando os primeiros albores do dia se apresentavam, o macho começava a ensaiar seu canto, desferindo duas notas, duas só, depois á medida que o sol ia se levantando e a luz ia aumentando gradualmente, elle ia tambem accrescendo uma a uma as outras notas até que, dia claro, soltava então todo o seu canto, que parecia dizer: — *Acorda, radio, que é dia, é dia, é dia.*

Quantas vezes a essa hora minha mulher me perguntava.

— Ouves o tico-tico?

— Ouço.

— Pois então toca a levantar e vamos cuidar das flôres!

E dito e feito.

Aberta a janella da alcova, que ondas de suavissimo perfume ahí penetravam com os jorros de luz e com a frescura da brisa!

Minha alcova!

Quantas vezes longe da terra, em que nasci, eu me lembrei de ti! quantas vezes a pungente saudade me trouxe mais que á mente, me trouxe aos ouvidos o canto gracioso do tico-tico;

— *Acorda vadio, que é dia, é dia, é dia!*

Minha alcova!

Estou certo que si Mirabeau te conhecesse, teria prazer em habitar-te.

Tudo isto, dir-se-ha, é soberanamente pueril; de accordo; mas hão de convir que é essencialmente innocente.

1897

R. J.

INDUSTRIA CATHARINENSE

VII

BÔA COMPANHIA

O que vai de tempo entre o apparecimento de dous numeros consecutivos da *Revista*, obriga nos amiudadamente a repetições, ociosas si outras fossem as circumstancias.

Demos já por terminada a primeira parte deste trabalho em que nos propuzemos—e oxalá tenhamos conseguido a meio—fazer resaltar a possibilidade de uma *exposição catharinense*, dado que nos fosse concedido o auxilio das classes productoras e o do Estado, representado pelo respectivo governo e municipalidades. Encaramos o problema sob os seus aspectos mais geraes e, de todas as considerações então expostas, inferimo-nos capazes de superar todas as *difficuldades*.

O que nos importa, agora, porem, é, tão sómente, um juizo externado com temeridade, talvez julgasse alguem, mas com muita certeza, pensamos nós outros, desde que o estudo das condições em que vemos collocados todos os interessados no surto da *exposição*, outra cousa não nos podia inspirar, nem a nós nem a quem

com criterio se tenha aventurado ao seu exame.

Dissemos então: «Não são insuperaveis as difficuldades pessoas—é assim que mais propriamente poderíamos denominal-as. Resumem-se em fazer opinião e recrutar combatentes, objectivos relativamente pouco custosos.»

«Póde se, conseguintemente, affirmar que a opinião está feita.»

«Acreditamos—seja embora optimismo exagerado—todos os homens possuidores dos mesmos sentimentos que nos animam nas luctas do bem, quando não tenham offerecido demonstração pratica em contrario.

«A muitos, pois, diz nos o nosso criterio, para acompanhar-nos, falta apenas que vejam lançada na praça da opinião a empreza sympathica da *exposição de productos catharinenses*.»

Mais breve do que nos fôra licito esperar, começa a confirmação das nossas palavras. Carta dirigida ao director da *Revista*, por pessoa que desempenha em Santa Catharina funções da mais alta responsabilidade, é prenuncio das mais francas sympathias com que vai sendo olhado o assumpto que tivemos a felicidade de aventar nestas columnas. Comprehende-se a impossibilidade em que nos achamos de dar á publicidade conceitos que tanto nos lisonjeiam: seria abusar da confiança que depoz em nossas mãos cousas ditas no recesso da intimidade.

Não o faremos, mas podemos garantir a quem nos tenha acompanhado na explanação que vamos fazendo—não haver cahido em terreno ingrato a semente que a *Revista Catharinense* se aventurou a lançar, inspirada nas necessidades catharinenses, de que

desejamos ser os primeiros a descobrir os meios de sanar.

VIII

A quem como nós, em falta de melhor propagandista, tomou a hombros esta tarefa que parece destinada a exito tão completo, a carta a que vimos de nos referir diz mais do que se póde inferir á primeira vista. E' preciso enxergar na expontaneidade d'aquelles conceitos, não um apoio platónico, mas o desejo de ver realisada a *exposição catharinense*.

Elles não dizem apenas—trabalhem que nós aqui estamos para applaudil-os; indicam-nos muito mais—ser chegado o momento de agir com decisão, de fazer os primeiros ensaios em demanda do que pretendemos.

Bem vindo seja o auxilio, que saberemos ser dignos d'elle. Com esse intuito e correspondendo á bôa vontade, não só do illustre missivista, mas de muitos a quem temos consultado sobre o assumpto, é quasi certo que do seio do «Centro Catharinense» surgirá, em breve, alguma cousa de mais positivo do que o que temos feito até hoje. Sem indiscreção, antes provocando o exame de todos, o que nos é muito necessario, será apresentado á directoria da sociedade a que se acha a *Revista* tão intimamente ligada, uma indicação contendo mais ou menos o seguinte:

«Indicamos que o «Centro Catharinense» tome a si a verificação da probabilidade de exito de uma exposição de productos catharinenses na Capital Federal, para o que nomeará do seu seio uma comissão com poderes amplos para se dirigir aos productores catharinenses, governo estadual e municipalidades, procurando interessal-os nessa ten-

tativa, e tomar as deliberações tendentes a justificar qualquer acto que o «Centro» venha a praticar nesse sentido.»

Teremos assim iniciado o movimento, e o resultado do inquerito nos dirá si está comnosco a razão, ou si ella se allia aos que com um movimento de hombros vão recebendo, mez a mez, a meia duzia de palavras que temos registrado com o fito de fazer effectiva, em pouco, a *exposição catharinense*.

Sejam quaes forem, porem, as conclusões primeiras, a nossa convicção é mais que conhecida para que precisemos formulal-a, e não é menos forte do que a satisfação por havermos conseguido despertar no seio da sociedade patricia um movimento de attenção.

Bem haja o momento em que tão proficuamente nos inspiramos.

G. S.

Os teus olhos

— Lembras-te quando me fizeste a confissão do teu amor?...

Sabes!... a vez primeira?...

Jamais houve tão puro voto, parece, tão santa, tão sincera affirmativa.

Eu li-o — o sentimento doce e puro — no livro de tu'alma — os teus olhos!

Assim como o clarissimo crystal de um lago sereno retrata o céu em todo o seu brilhantismo, seus matizes, seu sol, suas estrelas, seu luar, assim os teus olhos reflectiram tudo o que esplendia no intimo da tu'alma!

E estes olhos de côr celeste eram tão meigos ás vezes como os de uma creança!

Mas, quantas vezes os vi fascinadores, irresistiveis!

Sim, eram meigos si a tu'alma piedosa se compadecia de meus males...

Eram fascinadores, irresistiveis, si na linguagem muda do olhar exprimiam todo o teu grande amor!

Sabes porque amo tanto os myosotis do jardim?—E' porque me recordam os teus olhos azues.

Porque prefiro um annel com saphira a outro com rubi, brilhante, esmeralda cu outra qualquer pedra preciosa? E' sómente porque a saphira tem a côr dos teus olhos!

O céo—o proprio céo—porque a minh'alma o deseja tanto, porque me extasio a olhal-o á tarde quando o coração mais sente a magoa das saudades?

E' tambem sómente—porque o céo tem a côr aos teus olhos!...

BRAZILIA SILVA.

E' de toda a conveniencia que os srs. assignantes em atrazo satisfaçam a importancia das suas assignaturas, para que não sejamos obrigados a interromper a remessa da *Revista*.

Os nossos representantes se acham competentemente autorisados a liquidar taes assumptos. A elles ou á administração da *Revista*—rua da Carioca 34, 1.º andar—devem os srs. assignantes em atrazo dirigir-se.

Em acção

Não é de somenos importancia o problema para cuja solução, tão breve quanto possivel, o «Centro Catharinense», por iniciativa do seu illustre Presidente, empenha no momento as primeiras diligencias.

Pelo officio e proposta, abaixo transcriptos, esta apresentada á directoria em sessão de 13 do passado, verão os nossos patricios que se tracta de activar o serviço de abastecimento d'agua á Capital do Estado, de accordo com os processos em uso nas cidades que se presam de moral e materialmente adiantadas.

Não é um assumpto novo, mas por isso mesmo que a sua necessidade é convicção enraizada com firmeza em todos quantos se interessam pelo nosso adiantamento, urge que alguma coisa de pratico se faça nesse sentido. E' a razão por que a directoria do «Centro Catharinense», atenta sempre aos menores reclamos do seu Estado, adiantou-se, aceitando unanimemente a proposta, a prestigiar os esforços de seu chefe, que, ha annos, se bate na imprensa por essa providencia indispensavel.

A *Revista* será tambem, do proximo numero por deante, campo onde o Sr. Ramos Junior explanará com maiores detalhes o assumpto a que se acham tão intimamente ligados os creditos da capital Catharinense.

Verdade de que ninguem até hoje duvida, essa consagrada no aphorismo—sem agua é impossivel a hygiene—não se pôde ella, entretanto, vangloriar de que a tenhamos nós, os catharinenses, sancionado na practica, si bem que da sua concurrencia com outras providencias tambem de necessidade urgente, dependa tudo quan-

to possa vir a ser a capital de Santa Catharina.

Oxalá possamos ver realisadas com o mais perfeito exito essas grandes aspirações.

Eis os termos da proposta :

«Proponho que este «Centro», appellando para o patriotismo dos nossos co-estadanos Raulino Horn, superintendente municipal da Capital, e dr. Alfredo Goeldner, Director Geral das Obras Publicas do Estado, se dirija a cada um delles no sentido :

«Ao primeiro—de saber se ainda existem no Estado os dous trados para perfuração do sólo, de sua propriedade, que se achavam na freguezia da Enseada de Brito, e, no caso affirmativo, si se propõe a empregar-os como adiante se dirá ;

«Mais :—si os cofres do Municipio da Capital pôdem occorrer á paquena despeza a fazer-se com os operarios necessarios ao que se tem em vista ;

«Ao segundo—de saber si se presta a tirar uma copia da planta da Capital, imprimindo-lhe as correções tendentes a pol-a de accordo com as condições actuaes e de modo que sobre ella se possa calcar trabalho serio, qual a confecção do orçamento para um serviço de aguas, problema de solução urgente para a Capital do nosso Estado ;

«Ainda :—si o «Centro» pôde contar com a sua boa vontade e exorçç, para, reconhecida a potabilidade das aguas recolhidas do primeiro ou segundo lençól, pelas analyses a que fará proceder, encarregar-se da confecção dos orçamentos e plantas necessarias ao referido serviço, de modo a saber-se em quanto importarão as respectivas despezas ;

«A ambos—si de combinação e accordo mutuos se prestam a assistir

e dirigir as perfurações do sólo, na capital, nos valles das Olarias, Rua Formosa e Chacara que foi do finado Estanislau Valério da Conceição, para o fim de reconhecer-se a existencia do lençól ou lençoes d'agua, que ali devem se achar, e fazer recolher criteriosa, methodica e systematicamente, uma certa porção que o «Centro» fará analysar qualitativa, quantitativa e bacteriologicamente a fim de se determinar a sua potabilidade ou não —*Ramos Junior*.

Em relação á essa proposta o «Centro Catharinense» aguarda a contestação dos cidadãos citados, aos quaes se dirigiu, dando conta do occorrido, nos seguintes termos :

«Secretaria, em 21 de Maio de 1900. Tenho a honra communicar-vos que, em sessão da directoria deste «Centro», de 13 do corrente, foi approvada unanimemente, depois de amplamente fundamentada, a proposta junta, por copia.

«Ao dar-vos conhecimento deste facto que não implica com qualquer providencia legislativa ou executiva, de character estadual ou municipal, que por ventura ali se tenha adoptado, ou venha a sê adoptar, o «Centro Catharinense» appella e espera do vosso patriotismo que enviareis os melhores exorçços para acceitardes a honrosa incumbencia, que em boa hora se lembrou de confiar-vos.

«E porque convem que entremos o mais breve possivel em acção, o «Centro» anima-se a pedir-vos e esperar que vos sirvaes de declarar com a presteza que puderdes, se acceitais ou não aquella incumbencia, inicio de outras, tendentes todas a cooperar para o bem estar e felicidade não só do municipio da Capital, como de todo o Estado.

«Devemos comunicar-vos que o «Centro Catharinense» tem ali uma Comissão Permanente, cujo presidente é o cidadão Durval Varella Alves, declaração necessaria para o caso de providencias urgentes de que tenhaes necessidade no correr do trabalho.

«Acreditando que este será des- empenhado com todas as prescri- ções da sciencia e da arte, tenho o prazer de saudar vos.—Saúde e Fra- ternidade.

Ella!

E' simplesmente isso—o terror desse funebre desconhecido, que, na nossa ignorancia, imaginamos negro phantasma, as mãos impiedosas abar- cando foices sem fim, a espalhar des- ordenadamente a morte por onde vai passando...

Quantos outros não farão maior numero de males do que o maldito duende! quantos outros!

Porque não nos amedronta tanto essa tuberculose maldita que vai dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, hoje um nada, amanhã—mais um pouco, depois—mais e mais e mais... até que se torna dona da carcassa, senhora da vontade, impulsora das acções, directora dos nossos hábitos; que dias, mezes, annos, a fio, deita-se ao nosso lado e só nos consente o repouso quando ella repousa tambem; que se senta á nossa mesa, depois de ter ordenada o nosso *menu* e só cou- lente que nos sirvamos d'aq. illo que she appetitece? porque? Porque não a tememos tanto quando a cruel tem o maior prazer na lentidão do nosso

martyrio e rejubila-se em nos fazer apodrecer aos poucos, empaturrada de satisfação a cada gemido nosso, a cada particula que nos rouba? por- que?

Porque não nos amedronta esse proteiforme *morbus* amarello que nos esvasia em horas, ennegrecende-nos o vomito, como o fogo da sua febre quo nos devora, tenta carbonisar-nos a carne? porque?

Porque passamos insensiveis aos estragos da diphteria que nos rouba o riso das creanças, que as leva—coitadinhas!—depois de contorcel-as eu dôres macabras, inexprimiveis, na insaciabilidade de sangue virgem, de carnes novas? porque?

Porque não nos aterrorisa essa de vestigios indeleveis que alfinetou com pontas de fogo o rosto gracioso, fa- zendo da maciez avelludada em que descanzavamos o olhar nas horas felizes, a lixa dura que nos vai despo- lindo a retina e gastando o coração, como a sua irmã debasta o metal rijo? porque?

Porque?... Porque todos ellas são nossas commensaes obrigados, vemol- as a cada passo e a cada passo senti- mol-as, roçagando-nos a face a sua frialdade sem nome, em caricias repu- gnantes; porque estão na nossa casa, na nossa cidade, no nosso paiz, e con- tentam-se com ir cortando um a um, os fructos da sua preferencia; porque mais previdentes, viajam incognitas e só as sentimos junto a nós, quan- do ellas já estabeleceram as suas ten- das; porque... porque a convivencia as torna quasi participantes da nossa sociedade.

Então, porque a *outra* nos amed- ronta assim? porque tanto nos im- pressiona? somente por isso—por- que a *bubonica* é o DESCONHECIDO.

S.

E' de toda a conveniencia que os srs. assignantes em atrazo satisfaçam a importancia das suas assignaturas, para que não sejamos obrigados o interromper a remessa da *Revista*.

Os nossos representantes se acham competentemente autorizados a liquidar taes assumptos. A elles ou á administração da *Revista* —rua da Carioca 34, 1º andar—devem os srs assignantes em atrazo dirigir-se.

Um mimo

O operarios do nosso collega *Sul-Americano*, de Florianopolis, tiveram a gentileza de offerecer ao «Centro Catharinense» um exemplar, impresso em setim branco, do seu numero commemorativo do descobrimento do Brazil.

Tudo quanto dissessemos aos valentes rapazes que, numa cidade falha de recursos, como é a nossa capital, conseguiram num verdadeiro *tour de force*, o trabalho nitido e relativamente perfeito que honra hoje o archivo do «Centro», como prova do quanto pode a vontade firme e resoluta desses bons obreiros; tudo quanto lhes dissessemos em agradecimento não traduziria o nosso contentamento por nos sabermos lembrados com tamanha delicadeza.

Esses corações que atravez de tão grande distancia se irmanam com os nossos no trabalho, e, como nós, mourejam pelo progresso catharinense, que leiam nestas palavras o quanto nos sentimos gratos pela generosa offerta.

Christo

(A MEU BOM PAE)

... a morte é o fim de todas as cousas que tiveram principio, e o principio de tudo o que não ha de ter fim...
BERNARDES - Floresta -

N'essa sangrenta cruz grosseira e fria
Em que fostes, Senhor, crucificado,
Em que vistes o soffrer amargurado,
As lagrimas ardentes de Maria;

N'essa mystica cruz que na agonia
Vos mostrastes altivo, immaculado,
Ante essa raça vil, ó duro fado,
Raça que a vossa morte remiria;

N'essa rustica cruz em que sereno
Vós soffrestes martyrios mil, horrores,
Aos algozes sorrindo em caridade :

E' n'essa mesma cruz, ó Nazareno,
Que vós sereis, coberto de esplendores,
Adorado por toda a eternidade.

13 Abril 900

MARIO EMILIO

Os 2371 visitantes inscriptos, no trimestre de Março a Maio, no livro de presença do «Centro Catharinense», dão idéa do lisonjeiro movimento que vai tendo a nossa sociedade.

Deram entrada na bibliotheca do «Centro Catharinense», durante os meses de Abril e Maio findos, 57 volumes, doados pelos srs. Woldemar Klães — 13, José Antonio de Souza Junior — 10, Octavio Melchiades — 7, José Maria do Valle Ramalho — 6, Cincinato Livramento — 6, A. Bibiano de Assumpção — 3, José Ramos da Silva Junior — 2, Tristão José Ramos — 2, Nelson Costa — 2 e Major J.

Teixeira Raposo, Baldomero Carqueja de Fuentes, dr. Evaristo Nunes Pires, Alferes Leocrácio Alvares, Antonio Guillon e José Augusto Crespo—um cada um.

EXCURSIONISTAS

Acham-se em S. Catharina, em visita a suas familias, os nossos consocios e patricios Joel Augusto da Silva, 2º secretario do «Centro Catharinense», J. S. Medeiros Filho e Osny Martins.

Ao noticiar esse facto que tão grato deve ser aquelles que fazem o objecto immediato da excursão dos nossos amigos, a *Revista* consola-se da sua ausencia, por isso que tomá parte nas suas alegrias e pela certeza do auxilio que lhe prestarão elles, mesmo longe d'aqui.

Joel Silva, nosso auxiliar directo desde os primeiros dias, vai com a incumbencia de estabelecer agências da *Revista* em diversas localidades do norte do Estado onde não somos ainda representados, para o que leva poderes especiaes nossos, assim como para visitar todas as outras dessa mesma zona e da capital.

Medeiros Filho, a nossas instancias, desempenhará identica função no sul.

Osny Martins nos promette as suas observações pessoaes sobre o seu Tubarão e cercanias: para o publico serão as primicias de um espirito que muito promette, mas que uma injustificavel modestia faz confundir-se com a vulgaridade sem nome que por ali vegeta.

Apresentando aos collegas da imprensa catharinense, esses bons obreiros cuja companhia nos tem sido de muito proveito, pedimos-lhes para elles a hospitalidade generosa, de que é tão prodiga a nossa terra.

Centro Catharinense

Não é inopportuno lembrar já os serviços prestados pelo «Centro Catharinense», cuja existencia de apenas tres annos, vai sendo assignalada por factos capazes de demonstrar o quanto póde a perseverança bem dirigida de alguns patricios, que a si tomaram a incumbencia de congregar elementos esparsos no seio de uma cidade como esta, em que as occupações individuaes absorvem quasi completamente as actividades mais energicas. E' um facto que nos deve alegrar a todos, saber que na confusão de interesses em que se debate o milhão, approximamente, de habitantes do Rio de Janeiro, não somos, nós, os catharinenses, incognitos: vivemos, com energia affirmamos a nossa existencia autonoma neste meio prenche de absorpções, e amparados na nossa fé de que é possivel abrir ao Estado de Santa Catharina um logar honroso entre os outros da Republica, não nos cansam as difficuldades inevitaveis, e vamos vencendo terreno que a outros—mais fortes, talvez, mas com menos firmeza-se antolhou inacessivel.

A humildade de condicção do nosso nascimento e os tropeços que tivemos de supportar não nos inibiram de ter alcançado muito, quer para os catharinenses, quer para os outros nacionaes.

Foi a creação do «Centro Catharinense» que despertou em grande parte a lembrança das aggremações congeneres, hoje existentes nesta capital, vivendo umas em boas condicções, outras com difficuldades, mas todas — no minimo as que conhecemos — procurando manter-se e ganhando estímulos no exame da vida das suas

co-irmãs; é esse, sem duvida, o principal motivo das sympathias com que somos olhados por todas ellas e mais pelos que, com criterio e scientes da latitude da nossa lei organica, não vêm nas clausulas de acceitação de socio do «Centro Catharinense» uma manifestação exclusivista.

E sempre é bom que o digamos em relação a este ultimo conceito: a nossa sociedade conta no seu seio cidadãos de todos as nacionalidades, e a todos acceita, com a restricção apenas de se acharem ligados por interesses ao Estado de Santa Catharina.

O que temos conseguido em relação aos nossos patricios está felizmente documentado na lembrança dos que nos ollam com interesse.

Ainda sem recursos sufficientes para attender a todas as necessidades, a assistencia do «Centro», dentro dos limites traçados na lei organica, não se tem feito felizmente esparar:

a) auxilios pecuniarios não citados publicamente, porque nos repugna fazel-o, num escrupulo justissimo;

b) esforços para collocação de muitos, de accordo com as habilidades de cada um;

c) criação e manutenção de uma bibliotheca, hoje com perto de 700 volumes, que lhes é frânqueada, sempre que necessitem;

d) curso de pilotagem, agora infelizmente interrompido por motivos superiores á bôa vontade do seu director.

Os interesses mais geraes do Estado tem tido no «Centro» amigo dedicado, sempre prompto e manifestando-se:

a) com a publicação desta *Revista*, que lhes é exclusivamente dedicada;

b) com a publicação do livro de

Virgilio Varzea, destinado a levar bem longe, todos os aspectos da natureza e da vida catharinenses.

Não acha, porem, o punhado de trabalhadores desinteressados bastante honrada com essas victorias a fé de officio do «Centro» e convencido de que TUDO PÔDE QUEM SABE QUERER, lança os olhos, avidos ainda de triumphos, a duas novas emprezas, cada qual de maior importancia.

Não é novidade para os leitores da *Revista* que o problema de abastecimento d'agua à Capital do Estado e a projectada *exposição catharinense* tem dentro d'aquella casa batalhadores, que não abaterão armas enquanto não os virem trraduzidos em realidade. Sem optimismo, pôde-se dizer iniciados os primeiros passos.

Abandonando, porém, tudo isso, considerando inexistentes todos os factos ligeiramente enumerados nesta rapida resenha de tres annos de vida — tantos tem o «Centro» —, ainda assim mesmo, a necessidade da sua existencia se justificaria, sómente pelo facto de ter conseguido congregar no mesmo nucleo tão grande numero de conterroneos, dos quaes muitos desconhecidos no seio da propria colonia, outros separados por divergencias profundas.

E' digno de seria meditação esse phenomeno tão singular da aproximação de individualidades mal dispostas sempre á ella, mas que o «Centro» sem precipitação espalhafatosa, paulatinamente, vai fazendo convergirem para o mesmo ideal de fraternidade.

Meditem os catharinenses e tirem dos factos a moralidade que lhes é inherente: meçam sómente por isso o enormissimo serviço que vai prestando á nossa colonia, o «Centro Catharinense».

G.

Minha terra

Ao Collega Tr.

No nascente em leves tintas
precursoras d'almo dia,
surge o sol: faz se o sereno
rutilante pedraria;
pelo verde das ramagens,
do tapete da campina,
que se perde alem de vista,
rente aos ceus inda em neblina,
atravez da qual se vê
uma arvore grande e copada.
sobre um monte, solitaria,
vicejando. A' luz rosada
que a avulta é vivifica
na leveza do nascente,
té semelha alto navio
sobre a luz de um mar dormente....

Chego a vêr, nesta hypnose,
no fulgôr da immensidade,
minha terra... é que no peito
me soluça — uma saudade!

Uberaba 17—6—900.

Fc.

REPRESENTANTES DA "REVISTA CATHARINENSE"

S. PAULO

S. PAULO—Oscar Natividade.
PARANA'

CURITYBA—Elpidio Werneck.

MORRETES—Affonso Ladislau Gama
de Camargo.

SANTA CATHARINA

FLORIANOPOLIS—Francisco de Assis
Costa (*Gabinete Sul Ame-
ricano*).

TUBARÃO—Luiz Martins Collaço.

S. FRANCISCO—dr. Luiz Antonio Fer-
reira Gualberto.

CAMPO-ALEGRE—Coronel Guerreiro
de Faria Filho.

ITAJAHY — Arno Konder

LAGUNA — Rodolpho Baptista

ESPIRITO SANTO

VICTORIA—Nelson Costa.

GRANDE DEPOSITO E OFFICINA DE MARMORES

—DE—

J. Emilio Bergmann & C.

Encarregam-se de todo e qualquer trabalho
de marmores, monumentos, capellas, anjos, estatuas, fachadas de
edificios, balaustradas, escadas, vasos, columnas, altares,
pias baptismaes e para agua benta, banheiras,
pedras para moveis, etc., etc.

ESCUPTURA, ORNATOS E ARCHITECTURA

FINISSIMO GOSTO EM TRABALHOS PARA SEPULTURAS
COM PERFEIÇÃO, BREVIDADE E PREÇOS RAZOAVEIS

*Mandam vir qualquer encomenda directamente da Europa, fornecem desenhos
e incumbem-se de qualquer trabalho para o interior.*

RUA DE S. JOSÉ 77
RIO DE JANEIRO